

**ENTRE PESSOAS ESTABELECIDAS E PESSOAS ORDINÁRIAS:  
UMA HOMENAGEM À ELISA YOSHIE ICHIKAWA E À SUA  
CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**

**Maurício Donavan Rodrigues Paniza<sup>1</sup>**

**Lucy Woellner dos Santos<sup>2</sup>**

**INTRODUÇÃO**

Quando eu, Maurício, recebi o convite do editor da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Prof. Luiz Alex Saraiva, para organizar um dossiê de homenagem à nossa querida amiga Elisa Yoshie Ichikawa, confesso que fiquei bastante apreensivo. Não por ausência de justificativas ou mesmo de pessoas que se interessariam em prestar essa homenagem. Mas porque seria bastante complexo conseguir agregar todas as pessoas da Academia, da Administração e fora dela, que se inspiram pelo trabalho de Elisa, em tantos momentos de sua carreira longa no campo dos Estudos Organizacionais. De pronto, sabemos que a admiração que Elisa construiu entre os pares da área extrapola os limites das pesquisadoras e pesquisadores que foram convidados a compor esse dossiê.

---

<sup>1</sup> Doutor em Administração de Empresas (Fundação Getulio Vargas, Brasil). Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos. <http://lattes.cnpq.br/9424962364200474>. <https://orcid.org/0000-0001-6544-9640>. [mauriciopaniza@gmail.com](mailto:mauriciopaniza@gmail.com). Endereço para correspondência: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências em Gestão e Tecnologia, Campus Sorocaba. Rodovia João Leme dos Santos - do km 106,086 ao km 107,000, Parque Reserva Fazenda Imperial, Sorocaba, SP, Brasil. CEP: 18052-780. Telefone: (55 15) 32295933.

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia de Produção (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil). Analista em C&T Aposentada do Instituto Agrônomo do Paraná. <http://lattes.cnpq.br/7532198015933000>. Orcid não informado. [lucyws13@yahoo.com.br](mailto:lucyws13@yahoo.com.br).

Outra questão dificultaria bastante a empreitada, já de um ponto totalmente pessoal meu: Elisa é uma pessoa discreta, discretíssima. É óbvio que se eu me limitasse aqui em nosso texto de abertura a exaltar apenas a Elisa acadêmica, a pesquisadora profícua dos Estudos Organizacionais, a tarefa estaria já resolvida. O Currículo Lattes de Elisa fala por si e revela todas as fases, temas e teorias pelas quais ela já transitou, revela as pessoas que foram orientadas por Elisa, a maioria delas que também conquistou lugares de reconhecimento na vida acadêmica. É tarefa fácil falar das qualidades da Elisa pesquisadora, professora e orientadora. Mas como deixar de falar da Elisa amiga, da Elisa ombro amigo, da Elisa generosa com os que estão à sua volta, da Elisa que faz o bem ao próximo sem exigir holofotes? Muitas situações são vistas e vividas nos bastidores de uma amizade. Então, o meu senso de responsabilidade aqui é enorme, no sentido de compreender: quais situações narradas aqui deixariam minha amiga Elisa feliz? Por isso, Elisa, desde aqui te peço desculpas caso você preferisse que algumas das vivências narradas aqui permanecessem na intimidade de nossa amizade.

Para estruturar esse dossiê, a intenção foi agregar o máximo de pessoas possíveis que compartilham comigo a mesma admiração e carinho por Elisa. Para isso, já no início de pensar esse conjunto de textos, decidi que não haveria textos individuais, todas as contribuições deveriam ser coletivas, incluindo esse texto de abertura. Conhecedor da vida de Elisa e de como o campo dos Estudos Organizacionais a encontrou no início da década de 1990, não tive dúvidas em contatar a Analista de Ciência e Tecnologia aposentada do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), hoje Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR), Lucy Woellner dos Santos. Lucy foi a melhor amiga que Elisa teve quando cursou Mestrado em Administração e em seguida Doutorado em Engenharia de Produção, ambos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As duas viveram juntas a pós-graduação, apoiaram-se intensamente, numa época em que a saúde mental das alunas e alunos não era uma pauta relevante na ordem do dia. Foi a partir dessa amizade (improvável, como diz Lucy), que Elisa começou a se aventurar em terrenos teóricos fora do pensamento *mainstream* gerencial da Administração da época,

em áreas diversas das Ciências Humanas, o que conseqüentemente, impactou a forma como Elisa viria a pensar os Estudos Organizacionais dali em diante. No tópico seguinte, Lucy presta a sua homenagem, a partir de fatos que marcaram o início da carreira de Elisa na área de Estudos Organizacionais.

### **TRIBUTO À AMIGA ELISA: A HISTÓRIA COM LUCY**

O ano era 1990 e estávamos iniciando uma nova fase da vida, com os corações plenos de expectativas e promessas. Éramos parte do grupo de alunos que haviam sido selecionados para o mestrado em Administração da UFSC. Cada um de nós dentro de sua realidade, de suas condições, de sua fase de vida, de seu projeto profissional, mas todos no aguardo do que seria esse grande desafio da pós-graduação em Floripa. Nosso grupo era pequeno, e nossa área de concentração era Organizações e Gestão. Logo nos primeiros dias fomos nos conhecendo e nos dando a conhecer, perscrutando nossas afinidades e interesses. Foi nesse clima de início de curso que, entre outros colegas com quem nos engajamos, a Elisa e eu acabamos nos aproximando e construindo uma convivência e uma amizade para toda a vida.

Éramos uma dupla bastante improvável – eu já estava com quase quarenta anos, três filhos, em licença do trabalho para fazer o curso e há muitos anos longe de qualquer atividade acadêmica; além de ter a minha formação em Sociologia, o que me tornava meio “estrangeira” diante da terminologia e da nomenclatura próprias ao campo da Administração, com as quais eu não tinha intimidade... A Elisa, outrossim, era uma jovem leve de compromissos familiares, com a vida profissional ensaiando os primeiros passos, advinda de uma recém formação em Administração e esboçando seus sonhos de um dia vir a ser professora. Ambas havíamos saído de Londrina e tínhamos com Londrina nossos vínculos, uma de trabalho, e a outra de família.

À medida em que fomos avançando no curso, nossa integração foi se fortalecendo. Encontramos tanta convergência nas reflexões, no modo de nos organizarmos para estudar, discutir os textos, traduzir, escrever nossos *papers*... e isso acabou se estendendo também para a convivência extra curso – os passeios, os fins de semana, a praia, os lanches enquanto estudávamos... Foi uma convivência extremamente rica, a qual será impossível esquecer.

Esse período do mestrado também foi pontuado por nossa convivência assídua com outros colegas que compuseram o entorno dessa parceria – em particular nossa querida Geciâne, além da Marilda e da saudosa Olinda, o Renato, o Amaury, e vários outros, cujos nomes já me fogem devido ao tempo passado.

Foram dois anos de muitas leituras, descobertas, insights, algumas decepções, bastante tensão e ansiedade; as cabines da biblioteca central da UFSC nos abrigaram inúmeras tardes, onde trabalhávamos em dupla ou em grupos; as belas alamedas do campus universitário nos viram cruzar por elas um sem-número de vezes; até as corujas, que tinham seus ninhos no canteiro próximo das cabines já nos conheciam, tão grande o número de vezes que passamos por elas.

Mas também foram anos de frequentar o cinema e o teatro do CIC (o Centro Integrado de Cultura), que nós adorávamos, concertos da Pró-Música; a praia de Jurerê e a Lagoa da Conceição; o Chico Toicinho, o Deca, as lanchonetes do campus; Elisa experimentando as dificuldades de compartilhar moradia, Lucy tentando sobreviver com três filhos na hiper inflação. Elisa estudando espanhol e Lucy italiano. Elisa namorando, apaixonada; Lucy fazendo descobertas sobre os primórdios da pesquisa agrícola em Santa Catarina, lançando livro. Grandes trocas de experiências, grandes emoções.

Exames de proficiência. Nossas dissertações, a escolha dos temas, nossos orientadores e suas idiossincrasias, ensaiar as defesas (em nossa simulação, Elisa fazia as vezes de professor Clóvis e eu de professor Grillo, para nos prepararmos

para o nosso “rito de passagem”), as bancas, o fim de nosso período de curso, a volta para casa...

Poderia ser essa a reminiscência a emergir nesse momento – e já seria de uma intensidade e afeto suficientes para merecer o crédito e a minha homenagem à Elisa por tanto companheirismo e cumplicidade. A história dessa parceria, contudo, estava apenas começando. Por aquelas “trapaças da sorte” que só a vida, com suas insondáveis razões, nos reserva, poucos anos mais tarde estávamos, Elisa e eu, novamente sentadas lado a lado, nas salas de aula da Universidade Federal de Santa Catarina, para mais um desafio, dessa vez o doutorado em Engenharia de Produção (área de concentração Avaliação da Inovação Tecnológica), no Centro Tecnológico da UFSC.

Àquela altura, 1996, Elisa era professora concursada no Departamento de Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com uma trajetória profissional delineada. Já nos conhecíamos bem, já tínhamos intimidade, e isso só ganhou intensidade e força. Nossa convivência ganhou um estilo “família” – meus filhos amavam a Elisa e lembram sempre com carinho de sua presença entre nós.

Quanto às disciplinas do curso, nós estudávamos juntas todos os textos, trocávamos ideias e começamos a nos valer de um novo campo concreto de análises – o objeto de estudo da minha tese, a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. – EPAGRI. Como funcionária do IAPAR, eu pertencia à área de Ciência & Tecnologia (C&T) do setor agrícola, e acabei motivando a Elisa para o âmbito dessa área do conhecimento, a qual, posteriormente, passaria a ser também o objeto da tese e de muitos dos seus trabalhos.

Nesse novo período já tínhamos uma visão mais clara a respeito do que queríamos de um curso daquele nível, do que poderíamos esperar dele e como nos organizar para aproveitar da melhor maneira possível os recursos e o tempo que teríamos

para cursar o doutorado. Sabíamos que, além de cumprir os créditos e atender os protocolos do curso, queríamos um pouco mais. Como subprodutos de nossas reflexões, começamos a produzir textos e artigos que expressassem o olhar crítico que vínhamos construindo a partir do conhecimento teórico das leituras, somado à observação empírica de nosso objeto de estudo. Com boa dose de ousadia, nos propusemos a submeter artigos a eventos e a publicações com o intuito de colocá-los a escrutínio de autoridades no campo dos Estudos Organizacionais e da Gestão de C&T.

A partir daí, nova etapa de nossas vidas teve início, pautada por muito trabalho, muitas leituras, muita pesquisa e foco nas possibilidades que surgiam para levarmos esses temas à discussão mais ampla. Durante o período de nosso curso, tivemos uma produção de mais de trinta artigos (incluindo abordagens teóricas, metodológicas e estudos de caso), entre publicações em periódicos, capítulos de livros, trabalhos completos publicados em anais e apresentados em eventos; tivemos, inclusive, um artigo premiado no 3º Concurso de Monografias sobre a Relação Universidade/Empresa, realizado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) em 2003, trabalho elaborado no tempo do doutorado.

Fazem parte dessa fase, viagens que ficaram marcadas por serem nossas primeiras experiências viajando sozinhas para fora do Brasil. Levamos nossas reflexões para um bom número de eventos, com isso pudemos receber importantes avaliações, tanto positivas quanto, às vezes, desestimuladoras de nosso pensar menos ortodoxo acerca das relações entre os institutos governamentais de pesquisa e seus financiadores, seu público-alvo, o Estado, a sociedade.

Vou sinalizar aqui como marcantes, do ponto de vista mais pessoal do que acadêmico, nossa viagem a Cuba, em 1997, na qual nos surpreendemos com Havana e seu casario, suas inscrições murais com frases do comandante Che, nos

deslumbramos com os passeios no Mar Caribe, em Varadero e em Cayo Largo; em 1998 fomos ao Texas, passamos a fronteira para o México e seguimos a Nova York, onde fizemos a ronda nos museus e todos os passeios que os turistas fazem; vimos o que já não existe mais – as Twin Towers, e no seu térreo uma apresentação do Circ du Soleil; também no Central Park cruzamos (quem diria!?) com a Yoko Ono! Por conta de nossos trabalhos, fomos a Miami e à Península de Yucatán e visitamos as ruínas maias.

Viajamos sozinhas para defender nossos trabalhos, quando isso se fazia necessário, mas, juntas, fomos também à Costa Rica e nos impressionamos com as belezas naturais e com a distribuição de renda naquele país que, à época, revelava uma desigualdade social muito pequena. E estivemos no Peru, onde conhecemos Machu Picchu e a história dos incas. Transformamos cada viagem dessas, que começava com um evento acadêmico, em uma aventura a ser desfrutada de forma plena. Eu não me proponho aqui a mencionar títulos de trabalhos, eventos, publicações, pois essas informações constam de nossos *curricula vitarum*. Prefiro exaltar o que me ficou como marca desses tempos - a maneira competente, criativa, laboriosa, divertida, animada e leal com que a Elisa soube sempre ser uma aliada, companheira e parceira.

Foi nesse ritmo que caminhamos em direção às nossas teses de fim de curso, sempre trocando informações, elaborando nossas análises e nos reforçando mutuamente. Teses defendidas, era hora de retomar nossas vidas – Elisa na UEM e Lucy no IAPAR. Nossas mentes, contudo, fervilhavam com a caminhada recém iniciada, nos Estudos Sociais da Ciência. Campo em gestação, à época não havia praticamente nada publicado no Brasil. Sentíamos como imperiosa a necessidade de avançar nos estudos sobre a interação entre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Elisa iria definir suas linhas de pesquisa como professora e eu reassumi a coordenação do Grupo de Estudos em Inovação Tecnológica na Agricultura – GEITA, já existente no IAPAR.



Foi nesse ambiente do GEITA, de forma interdisciplinar e compartilhada IAPAR/UEM, que encontramos o solo fértil para avançarmos em nossas reflexões, tendo a partir de então, como objeto de pesquisa, o próprio Instituto, que nos facultou e nos forneceu subsídios para dar continuidade às reflexões acerca da íntima relação entre o fazer científico e os valores, as crenças, os interesses, os conflitos da existência humana em sociedade; sobre a importância de uma prática científica contextualizada socialmente, guiada pela ética, que contemplates a participação pública e o diálogo entre a sociedade e o cientista.

No âmbito dessa intrincada disciplina, prosseguimos nossos estudos a partir de casos analisados no próprio IAPAR. Com a participação de alunos da Elisa e de componentes do GEITA, trabalhos foram produzidos e publicados. Especificamente no campo da CTS, investimos nossos melhores esforços para contextualizar e instrumentalizar a discussão sobre a democratização da ciência. Participamos de eventos, produzimos documentos internos para discussão no âmbito do IAPAR, apresentamos projeto ao Conselho Técnico Científico, tudo no sentido de sensibilizar e criar um ambiente propício ao florescimento desses conceitos na prática científica do Instituto.

Com a intensa participação do Paulo Sendin e da Doralice Cargano, também do IAPAR, organizamos um fórum e dois ciclos de palestras abertos à comunidade de C&T do estado do Paraná, contando com convidados que aportaram suas experiências e seus conhecimentos aos participantes. E no intuito de consolidar esses avanços, organizamos dois livros, na forma de coletâneas de artigos, abrangendo uma visão ampla e didática sobre os temas CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade (em duas edições) e CTG – Ciência, Tecnologia e Gênero (Santos, Ichikawa, Sendin, & Cargano, 2002; Santos, Ichikawa, Sendin, & Cargano, 2004; Santos, Ichikawa, Sendin, & Cargano, 2006).



Caminhando com essa intensidade, tínhamos o ideal de prosseguir para outras abordagens dentro dessa temática, nos estendendo às questões ambientais e da comunicação científica, entre outros.

Os rumos de nossas vidas, contudo, nem sempre se estabelecem de acordo com o que supomos... o imponderável surge e nos propõe suplantar as adversidades e trilhar novos caminhos. E esses caminhos acabam nos levando para novos horizontes, novas fronteiras, sempre nos desafiando à superação. Encruzilhadas que nos apartam fisicamente, mas não apagam de nossa memória afetiva a presença, a emoção, o carinho, a camaradagem que pautou uma etapa tão importante de nossas existências.

## **UM ENCONTRO QUE MUDOU A MINHA VIDA: A HISTÓRIA DE ELISA COM MAURÍCIO**

Foi em uma dessas encruzilhadas que apartou Lucy e Elisa fisicamente, que a vida permitiu que eu, Maurício, e Elisa nos encontrássemos em 2012. Na época, eu havia me graduado em Administração há dois anos, e já cursava uma segunda graduação em Jornalismo. Não havia encontrado motivos suficientes que me fizessem querer seguir uma carreira acadêmica em Administração. Ao mesmo tempo, chegando à metade da graduação em Jornalismo, também estava muito incerto sobre seguir uma carreira acadêmica na área da Comunicação.

De qualquer forma, o trabalho que eu tinha em 2012 era decorrente da faculdade de Administração. Por dois anos, eu fui bolsista de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em um projeto na área de Gestão da Inovação, envolvendo 11 (onze) indústrias da região de Londrina, da área de Saúde e Bem-Estar, coordenado pela Associação do Desenvolvimento Tecnológico e Industrial de Londrina (Adetec). Em um dia chuvoso de 2012, a coordenadora da ADETEC e então minha chefe na época, Rosi Sabino, foi convidada pela Profa. Adriana Rampazo, então na

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), para compor uma mesa na Semana de Administração daquela instituição, na cidade de Paranavaí, no oeste do Paraná. Rosi iria sozinha, mas acabou me convidando e eu fui. Mal sabia que aquela noite mudaria minha vida! Na Unespar, Rosi me apresentou à Adriana, e naquela conversa rápida que foi possível ter nos bastidores do evento, Adriana me desbravou um mundo de possibilidades que nunca ninguém havia me apresentado na Administração: de que havia um lugar para além das pesquisas gerenciais, esse lugar que se chama Estudos Organizacionais. E então foi ali que ouvi falar pela primeira vez sobre Elisa, e fui estimulado pela Adriana a me conectar com a Profa. Elisa.

Embora eu ainda estivesse em dúvida sobre as possibilidades reais que a área de Administração me ofereceria (no sentido mais humanizado e crítico que eu pouco tive acesso na graduação) e mesmo sem conhecer a Elisa, tomei a liberdade de lhe adicionar em uma rede social. Elisa é uma pessoa discreta, como comentei no início do nosso texto, e a chance de ela aceitar uma pessoa desconhecida em uma rede social é de praticamente 0%. Mas o fato é que ela me aceitou. Talvez o fato de já ver a Adriana como “amiga” em comum tenha ajudado. De qualquer forma, sei que o movimento dela me aceitar em sua rede, mesmo sem me conhecer, foi raríssimo. E então, a partir dessa conexão virtual, comecei a acompanhar as atividades da Elisa com seus orientandos no Programa de Pós-graduação em Administração da UEM (PPA-UEM). De curtidas e comentários tímidos, começamos a dar espaço um ao outro para que surgisse uma amizade. Tenho certeza de que a partir dali, mesmo com a minha posição de jovem imaturo e cheio de dúvidas sobre o que eu queria “ser da vida”, Elisa viu em mim um diamante que demandaria muito tempo e principalmente paciência para ser lapidado (risos). Elisa enxergou primeiro do que eu, que o meu lugar no mundo do trabalho estava sim na área de Administração, nas possibilidades que as áreas de Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas poderiam me oferecer.

Como eu morava em Londrina e Elisa tem familiares em Londrina, das conversas virtuais, nossa relação foi se transferindo para cafés, às vezes acompanhados da Adriana, às vezes só nos dois. Foram tardes e tardes com horas de conversa, conselhos, partilhas de experiências. A amizade com Elisa me deu certeza de que a vida acadêmica era o meu lugar, embora eu ainda estivesse inseguro sobre retomar meus vínculos com a área da Administração. Tanto que em 2013 eu fazia uma Iniciação Científica na área de Comunicação, ao que Elisa me apoiou e incentivou que eu fosse até o final. Nessa mesma época, fui nomeado como servidor público Técnico Administrativo de um concurso que eu havia feito em 2010, e então me tornei Secretário do Departamento de Fisioterapia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mesmo em um cargo técnico, continuei no ambiente acadêmico, e aliado ao encorajamento que Elisa me dava em nossas inúmeras conversas, tive certeza sobre a necessidade de cursar um Mestrado e um Doutorado. E com o apoio e o incentivo de Elisa, eu já estava mais seguro de retomar o vínculo com a área de Administração.

Quando eu falo das experiências de Elisa, que junto à sua amizade, construíram um caminho para que eu pudesse voltar à Administração, não posso deixar de comentar o período entre 2012 e 2013, em que Elisa se mudou para Belo Horizonte, onde fez estágio de pós-doutorado no Centro de Estudos e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPEAD-UFMG), supervisionada pelo Prof. Alexandre Carrieri. Nessa época, Elisa participou de inúmeras atividades e disciplinas vinculadas ao Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS), capitaneadas tanto pelo Prof. Carrieri quanto pelo Prof. Luiz Alex Saraiva. E quantas conversas inspiradoras tivemos pela rede social durante essa fase! Conversas que ratificaram as possibilidades que eu teria na área de Estudos Organizacionais, e consolidaram meu interesse em me candidatar ao Mestrado em Administração da UEM, onde eu poderia ser orientado por acadêmicos de ideias e linhas de pesquisa afins às dela. Assim, entre 2013 e 2014, as conversas que eu tinha com Elisa me preparavam informalmente para a seleção do mestrado.

Mas havia um empecilho: como eu ainda não havia terminado o período do estágio probatório como servidor público técnico da UEL, eu não teria direito à licença, mesmo que fosse do tipo não remunerada, para cursar o mestrado. Tive muito medo de tentar a seleção do mestrado e caso eu passasse, de renunciar a algo seguro. Nesse momento, Elisa segurou minha mão e me ajudou a criar a coragem necessária para abdicar da segurança atual naquele momento, para galgar uma posição profissional acadêmica no futuro. Elisa conseguia ver um potencial em mim que eu mesmo não conseguia enxergar. E tal qual Elisa fez em 1990, renunciando a um emprego público para cursar Mestrado, eu também fiz o mesmo em 2015. Fui com muito medo, mas fui, e pedi exoneração do meu primeiro emprego público.

Quando ingressei no Mestrado em Administração da UEM, na linha de pesquisa em Estudos Organizacionais, Elisa poderia ter assumido minha orientação, pelo vínculo pessoal que já tínhamos construído, até porque informalmente ela já era minha orientadora de vida e de carreira. Mas profissional e ética como ela é, ela declinou de me orientar, o que o tempo revelou ser uma decisão muito sábia. Além de nós dois termos estilos muito diferentes de conduzir o trabalho – Elisa é muito mais disciplinada e focada do que eu (risos), a relação pessoal previamente construída poderia mais atrapalhar do que ajudar em meu processo de titulação. Apesar de não ter sido minha orientadora formalmente, publicamos dois textos juntos, decorrentes do tema que seria inicialmente a minha dissertação de mestrado: inclusão das travestis e mulheres trans no mercado de trabalho. Apesar de não ter sido possível desenvolver o tema na dissertação do mestrado (desenvolvi posteriormente na tese do doutorado), é um orgulho ter a contribuição e o olhar da Elisa presentes em textos que me são muito especiais – um deles derivado da disciplina de Simbolismo Organizacional (Paniza, Ichikawa, & Cassandre, 2017; Paniza, Cassandre, & Ichikawa, 2018). Ainda, Elisa também foi membra da banca examinadora da minha dissertação de Mestrado. E assim ela me ajudou a pavimentar o caminho que me trouxe de vez à Administração, e definiu os rumos da carreira depois da passagem pelo PPA-UEM, que foi cursar o Doutorado em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas (EAESP-

FGV), também na linha de Estudos Organizacionais, e depois me tornar professor efetivo no Departamento de Administração da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que não fosse a amizade de Elisa e a sua paciência em pegar na minha mão e me acompanhar em cada degrau, dificilmente eu estaria onde estou hoje.

### **TRÊS HISTÓRIAS DA VIDA DE ELISA QUE MERECEM SER CONTADAS**

Falar de uma amiga que amamos e de suas qualidades é fácil, muito fácil, como mostram os relatos de Lucy e o meu. Contudo, muitas qualidades são precedidas por histórias que moldam a vida e o caráter de uma pessoa. Eu, Maurício, acho importante falar sobre três delas, pois guardam as sementes do ser humano empático que Elisa é, de como as questões de gênero atravessaram a sua vida, e do quanto ela é generosa com tantas pessoas à sua volta, mesmo sem os louros do reconhecimento público. Em muitas ocasiões, inclusive, ela prefere ajudar outras pessoas nos bastidores, e muitas vezes, ao ajudar, exige que não tornemos pública essa ajuda. Vou começar pela primeira história, mais recente. Jamais vou esquecer do seu ato de generosidade, quando eu então bolsista de mestrado, pude ir ao meu primeiro evento da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), o EnEO 2016, em Belo Horizonte, MG, porque ela custeou minhas passagens aéreas. Sabemos que nem sempre os programas de pós-graduação dispõem de recursos suficientes para permitir que sua comunidade discente participe de eventos de pesquisa. Mas como amiga, vendo o caminho que eu precisava trilhar para chegar até onde estou hoje profissionalmente, Elisa não apenas me deu apoio e afeto, mas também colaborou financeiramente para que eu me inserisse na comunidade acadêmica de Administração. E assim como eu, sei de muitas outras pessoas que ela ajudou de alguma forma ao longo do caminho, e que hoje são profissionais brilhantes em diversas universidades pelo país.

Agora preciso adentrar mais ao passado de nossa amiga. Como descendentes de imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil no início do Século XX e passaram por inúmeras adversidades no trabalho rural, até que se estabelecessem profissionalmente e financeiramente, os pais de Elisa, Sra. Shigueko e Sr. Mitshuhide, ensinaram aos filhos o apreço pela educação. Nas conversas que já tive com a Elisa sobre a sua família, sempre admirei a forma como seus pais incentivaram que os filhos estudassem e que dessem valor a esse acesso. E mesmo com as questões de gênero, que têm as suas particularidades na cultura japonesa, a Sra. Shigueko foi uma das principais influências para que Elisa trilhasse o caminho profissional da Academia, e vou explicar o porquê. É uma tradição histórica em famílias japonesas o *miai*, em que uma mulher e um homem são apresentados por suas famílias, com a intenção de que se casem, o que de uma forma resumida, é o “casamento arranjado entre as famílias dos noivos” (Hatugai, 2021, p. 6). Quando Elisa era moça, um jovem também com ascendência japonesa procurou os pais de Elisa com a intenção de que se concretizasse o *miai*. Com uma postura muito feminista, antes mesmo que essa palavra se tornasse frequente no vocabulário das mulheres no Brasil, a Sra. Shigueko não só deixou Elisa livre para escolher o seu caminho, como foi enfática ao dizer ao possível pretendente da filha: “Minha filha quer estudar. E se ela quer estudar, assim vai ser!”. E assim foi. Elisa se graduou, mestrou, doutorou e se tornou uma profissional bem-sucedida.

Nos últimos anos, Elisa se consolidou como uma referência na área de Estudos Organizacionais no Brasil pesquisando o homem ordinário, a partir do olhar do historiador francês Michel de Certeau sobre o cotidiano. O homem ordinário, como menciona em um dos primeiros textos que ela publicou sobre o tema, é esse que “não percebido, é aquele que fala sem ser ouvido, olha e não é enxergado, vive sem ser observado, geralmente ignorado”, e que Certeau indicaria como o “homem invisível”. Ou ainda “homens comuns que a própria sociedade se encarregou de esquecer ou, ainda, que se acostumou com sua presença, embora sem notá-los, sem considerá-los” (Rodrigues & Ichikawa, 2015, p. 98). E adentrando novamente a história de vida de Elisa, não foi à toa que sua carreira a encaminhou à pesquisa



sobre os sujeitos que não estão enquadrados como importantes na versão dominante da História oficial. Não posso deixar de contar um outro caso, de quando Elisa também havia acabado de ingressar no mercado de trabalho, em um dos seus primeiros empregos. Uma personagem daquela época marcou sua vida para sempre. Vamos chamar essa personagem de Sra. Maria. Elisa, então estudante de Administração em período noturno na Universidade Estadual de Londrina (UEL), trabalhava durante o dia em uma empresa de varejo da cidade. A “rádio peão” da empresa na época, ventilava maldosamente que a Sra. Maria, que trabalhava na limpeza/copa, tinha vida dupla: era faxineira/copeira durante o dia, mas à noite era prostituta. Quase como se a Sra. Maria tivesse uma doença contagiosa, havia pessoas na empresa que a ignoravam ou mesmo evitavam socializar com ela. E aquilo incomodava demais a Elisa. Na conversa em que Elisa me confidenciou essa história, ela não deixou de demonstrar o desconforto que sentia com os cochichos em relação à vida de Maria, e que em hipótese alguma se sentia no direito de julgar as escolhas que uma mulher pobre e mãe solteira era obrigada a fazer. Entre tantas histórias de sua vida que Elisa já me contou, essa foi uma das que mais marcou. E por isso é impossível não a associar às contribuições que Elisa tem dado à Academia brasileira de Estudos Organizacionais, falando sobre as práticas organizacionais de pessoas que são consideradas reles aos olhos de muita gente que faz parte do “maravilhoso” e “bem-sucedido” mundo da Administração de Empresas.

## **CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS**

Parafraseando José Saramago (2008), o fim de uma viagem é apenas o começo de outra. Para ele “a viagem não acaba nunca”. Assim, Elisa e Lucy traçaram novos caminhos; recomeçaram a viagem. Ainda de acordo com o escritor e poeta português, “os viajantes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa”. Esse pequeno ensaio constituiu uma tentativa de registrar, em narrativa, o companheirismo e a cumplicidade que pontuaram uma parte muito especial de nossa vida e que permanecerão em nossa lembrança para sempre.



Essa é a minha homenagem, com sinceridade e gratidão, à sempre amiga Elisa, almejando que a sua viagem nunca acabe, sempre recomece.

Maurício e Elisa se encontraram em um momento posterior dessa viagem que é a vida. Hoje dividimos o mesmo vagão desse trem que leva à universidade pública, e ainda lutamos para que mais homens ordinários e mulheres ordinárias sejam convidados/convidadas a embarcar conosco. Gratidão a essa amiga que me acolheu e que influenciou cada palavra que escrevo, nessa vida acadêmica em que ainda sou um iniciante. Elisa, seguindo o curso natural da vida, vai se aposentar um dia. Mas suas contribuições ficarão. E entre as contribuições que Elisa deixará, uma delas é a certeza de que o conhecimento não está só nas pessoas que têm título de doutor, que publicaram excelentes livros e artigos Qualis A. Conforme diz uma frase atribuída à Cora Coralina, mas que facilmente poderia ser dita também por Elisa: “O saber se aprende com os mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida”.

Esse é o texto de abertura do Dossiê de Homenagem à Elisa. Convidamos todas/todos a ler as demais contribuições que compõem esse reconhecimento, escritas por mais pessoas que foram/são apoiadas e inspiradas por Elisa ao longo da viagem.

## REFERÊNCIAS

Hatugai, Érica R. (2021). Ler, no corpo da “mestiça”, beleza, corporalidades e fronteiras no parentesco nikkey: as experiências de mulheres nipodescendentes no Brasil. *Cadernos Pagu*, 63, 1-16.

Paniza, Maurício D. R., Ichikawa, Elisa Y., & Cassandre, Marcio P. (2018). Einar ou Lili? Os desafios de uma transexual no mercado formal de trabalho. *GVCasos - Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração*, 8(1), c4-c4.

Paniza, Maurício D. R., Ichikawa, Elisa Y., & Cassandre, Marcio P. (2017). As conveniências do cotidiano na trajetória de uma trabalhadora transexual. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 8(2), 350-367.

Rodrigues, Fábio S. & Ichikawa, Elisa Y. (2015). O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 9(1), 97-112.

Santos, Lucy W., Ichikawa, Elisa Y., & Cargano, Doralice F. (Orgs.) (2006). *Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina: IAPAR.

Santos, Lucy W., Ichikawa, Elisa Y., Sendin, Paulo V., Cargano, Doralice F. (Orgs.) (2004). *Ciência, Tecnologia e Sociedade: o desafio da interação* (2a ed. rev. ampl.). Londrina: IAPAR.

Santos, Lucy W., Ichikawa, Elisa Y., Sendin, Paulo V., Cargano, Doralice F. (Orgs.) (2002). *Ciência, Tecnologia e Sociedade: o desafio da interação*. Londrina: IAPAR.

Saramago, José (2021). *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras.

## **ENTRE PESSOAS ESTABELECIDAS E PESSOAS ORDINÁRIAS: UMA HOMENAGEM À ELISA YOSHIE ICHIKAWA E À SUA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**

### **Resumo**

Texto de Introdução à Seção de Homenagem a Elisa Yoshie Ichikawa.

### **Palavras-chave**

Elisa Yoshie Ichikawa. Homenagem. Estudos organizacionais.

## **ENTRE GENTE ESTABLECIDO Y LA GENTE CORRIENTE: UN HOMENAJE A ELISA YOSHIE ICHIKAWA Y SU CONTRIBUCIÓN A LOS ESTUDIOS ORGANIZACIONALES**

### **Resumen**

Texto introductorio a la sección de homenaje a Elisa Yoshie Ichikawa.

### **Palabras clave**

Elisa Yoshie Ichikawa. Homenaje. Estudios organizativos.

## **BETWEEN ESTABLISHED AND ORDINARY PEOPLE: A TRIBUTE TO ELISA YOSHIE ICHIKAWA AND HER CONTRIBUTION TO ORGANIZATIONAL STUDIES**

### **Abstract**

Introduction to the Tribute to Elisa Yoshie Ichikawa section.

### **Keywords**

Elisa Yoshie Ichikawa. Tribute. Organizational studies.

## CONTRIBUIÇÃO

### **Maurício Donovan Rodrigues Paniza**

O autor declara ter participado de forma equânime em todas as etapas da elaboração desta contribuição.

### **Lucy Woellner dos Santos**

A autora declara ter participado de forma equânime em todas as etapas da elaboração desta contribuição.

## CONFLITOS DE INTERESSE

Es autores declaram não haver conflitos de interesse.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Es autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

## AGRADECIMENTOS

-

## COMO CITAR

Paniza, Maurício D. R. & Santos, Lucy W. (2024). Entre pessoas estabelecidas e pessoas ordinárias: uma homenagem à Elisa Yoshie Ichikawa e à sua contribuição aos estudos organizacionais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 277-297.